Prefácio à edição portuguesa

Nota: Este texto não corresponde inteiramente à versão publicada

Bernard Maris, o homem da cidade, o economista culto que alisou fronteiras

Bernard Maris foi um intelectual notável. Economista culto, informado, empenhado na vida e no debate público, homem da cidade, da palavra, tinha uma noção ampla do que constitui a sabedoria e, por isso, sabia de outras disciplinas como sabia de economia. Mais ainda, servia-se dos outros saberes para saber alguma coisa de Economia. Especialista em Keynes (sobre quem escreveu o livro *Keynes ou l'économiste citoyen*, 1999) podia ter sido, como este foi, membro ativo do Círculo de Bloomsbury. Não foi, claro. Mas tinha a mesma propensão iconoclasta, o mesmo culto do debate, a mesma vontade de não se encerrar em nenhuma fronteira e de, pelo contrário, as atravessar a todas, alisando-as. É unânime considerá-lo tão culto como tolerante, o mais tolerante dos participantes numa polémica, tão perspicaz como profundo. Livremente independente.

A França ouvia-o na televisão e na rádio, na France-Inter, e lia os seus livros. Os cineastas interessaram-se pela suas ideias e escrevia romances. Era parte do coletivo do *Charlie Hebdo*, um dos seus círculos próximos, onde assinava Oncle Bernard. Estava na redação no dia 7 de janeiro de 2015 e foi morto, juntamente com mais onze pessoas. Tinha 68 anos.

Por tudo isto, o primeiro ponto deste prefácio é justamente para sublinhar a grandeza pessoal e humana de Bernard Maris e o seu papel de intelectual público. E para o homenagear.

A obra económica de Bernard Maris é enorme. Desde *Éléments de politique économique: L'Expérience française 1945 à 1984* (1985) e do já citado livro sobre Keynes, até aos dois volumes de *Antimanuel d'Économie, Tome 1, les fourmis; Tome 2, les cigales* (2003 e 2006) há *Lettre ouverte au gourons de l'économie qui nous prennent pour des imbéciles* (1999), *La Bourse ou la vie - La grande manipulation des petits actionnaires* (com Philippe Labarde, 2000) ou *Marx, ô Marx, pourquoi m'as-tu m'abandonné?* (2010). Não é apenas a ironia de alguns títulos que nos deve chamar a atenção. É antes o que estes e outros livros são como visão do mundo, programa intelectual, ação pública. E também como parte de uma luta serena pelo pluralismo da Economia, saindo para o meio da

chuva, para fora dos templos obscuros dos gurus, onde estes demonstram a sua força afastando os leigos, isto é, o que andam nas ruas e nos diversos meios da vida, para que assim sejam sabedores indisputados. Bernard Maris nunca recusou que na Economia, como nas outras ciências sociais, a “conflitualidade interna” é parte da sua tentativa de ganhar robustez, utilidade e, sobretudo, validade. Ele e os que fazem da melhor Economia que se faz em França bateram-se para que a universidade acolhesse, pelo menos acolhesse, uma visão em que a sociedade também contasse e fosse, afinal, a razão de estudar tais matérias. Perdeu, mas de certeza que não desaproveitou o gosto de uma boa disputa.

Na *Lettre ouverte...* ele trata da arrogância de um tipo muito particular de discurso económico que tinha tomado conta da praça pública. Salpica os seus sacerdotes de um humor verrinoso e aproveita para lhe demonstrar os seus impasses. Contrapôs-lhe a condição recorrente das crises e os efeitos muitas vezes devastadores de muita desta sabedoria.

Numa época em que se está a perder a noção do que é efémero e contingente e em que se esquece que o capitalismo é apenas um tempo breve na história da humanidade, recorreu a Marx, de novo ironicamente, transformando uma frase célebre, e porventura fundadora, noutra mais de agora, “*Marx, Marx porque me*

abandonaste?”. Estava só a querer lembrar, por exemplo, que “Marx descobriu simplesmente a ‘lei do movimento natural da sociedade’” e que essa lei é a transformação de tudo em mercadorias, incluindo quando isso separa o trabalho das pessoas, proletizando-nos.

O *Antimanuel* é o manual da Economia que devia ser ensinada nas faculdades de economia: começa pelos problemas e pelas ideias dando a palavra aos que formaram a cultura económica (a muitos, aos que pensam assim e ao contrário), fala de poder, de política, dos mecanismos da “guerra económica” e dos nervos dessa guerra (o dinheiro ou a bolsa) mostrando que nada é natural e muito menos natural devia ser o domínio que a Economia veicula sobre a vida, a realidade substantiva que é muito mais do que o que se convencionou chamar economia.

Bernard Maris pensava culturalmente a Economia e situava-se no tempo longo da evolução da humanidade. Estudava as economias, interpretava-as, porque lhe interessava saber bem o que é o capitalismo. Sabia que ele “possui uma originalidade intrínseca”. Aparentemente, não devia ser assim, visto que a “economia começa quando o homem deixa de ser um simples parasita da natureza”. Mas capitalismo não é sinónimo de economia. E esta, podendo ser raridade, técnica, criação de um excedente, podendo ser comércio e acumulação

no tempo, não é sinónimo de capitalismo. Este só o é, só se forma como tal, só se autonomiza da vida pré-capitalista, quando reúne “quatro elementos” essenciais: *trabalho*, isto é, salariato, *crédito*, quer dizer, dinheiro e mercado, *máquina*, ou seja, tecnociência, e uma noção secularizada, linear, do *tempo*, substituindo assim o tempo cíclico. Não é disto que costumamos ouvir falar nas noções correntes de capitalismo, pois não? Não, não é, porque nessas noções desistiu-se ou nunca houve capacidade para observar para além da superfície e para compreender a grande transformação histórica que o capitalismo é, numa história que é muito mais longa do que ele, que é ainda um episódio breve.

O trabalho sobrepõe-se à vida quando lhe ocupa-lhe o espaço todo, para assim alcançar o infinito através de ilimitados usos futuros. Por isso, o “trabalho já não é a criação”, é criação “sistemizada” pelo capitalismo em busca da dimensão. É certo que ele “possui a sua ética e valoriza a vida de quem aceita a sua condição”. Mas é também o fundamento de uma racionalidade que separou os artesão dos seus produtos e lançou os consumidores numa “*frustração permanente*”.

O crédito é o “desvio infinito” ou o desvio para o infinito. Assim se “substituiu o contrato por predação”, “a circulação do dinheiro é a circulação das dívidas”. “O capitalismo é o meio mais radical de acabar com os

deuses” porque as relações pessoais , as relações com os deuses ou com natureza, a dívida em relação aos criadores, se transformam em relações com coisas, são impessoais.

A máquina cria um “processo exponencial e cumulativo” e o capitalismo é “o momento em que a *produtividade* explode graças às máquinas”, segundo um tempo que já não é dos deuses nem dos homens. Ganha-se o tempo. A iniciativa torna-se “perene” e a finalidade da vida é acumular. O que era impulsivo, espetacular, passa, porventura, a ser a realização de um desígnio. “O capitalista é o homem mais rico do cemitério. Existe algo mórbido no espírito do capitalismo.”

O tempo vertiginoso do capitalismo é o do trabalho sem fim, aquele em que se anulou o tempo ciclo das estações e em que se “esqueceu a confissão que permitia um ciclo de vida, muito humano, entre pecado, arrependimento, penitência, absolvição, seguido, por sua vez, do pecado”.

Intercalar aqui o texto que vai ao lado. Manter a abertura depois de incluir este texto

Já se viu que os deuses, os deuses criados pelos homem antes que o capitalismo os transformasse, assim como a psicanálise, o homem descoberto pelo homem, são referenciais frequentes de Bernard Maris. Encontramo-los neste livro. Mas apenas porque se andou à volta das grandes questões levantadas pelo capitalismo e que

ficaram agarradas a si mesmo: a relação com a natureza, com o tempo, com o trabalho e com a técnica. Essas questões serviram para o definir. E servem também para discutir o seu futuro, isto é, a transição que o próprio capitalismo há de iniciar?

Nas alusões que fiz até aqui deste texto quis mostrar como ele foi, nas suas ideias, na sua construção e no seu fio, um discurso radicalmente livre. Um espelho fiel do seu autor. É assim também, como não podia deixar de ser, no seu epílogo. Qual é o futuro do capitalismo? Todos aqueles que já fora mil vezes preditos ou apenas alguns deles? O das “saídas por cima” ou os das “saídas por baixo”? Ou nenhum? Há algo dentro do capitalismo que conhecemos que indique o seu futuro? Ele foi e tem sido “o grande canalizador da energia humana”. Pôs “em andamento energias que se destinam a avançar sem saber para onde vai”. Está a realizar a sua ubiquidade e tem a China com “futuro provisório”. Consagrará o individualismo mas já sem o “*indivíduo sujeito de direitos*”, porque são necessários “*indivíduos-consumidores*” e os agentes do “despotismo complacente” não são difíceis de identificar.

O futuro visto, entrevisto, desejado por Bernard Maris é o que corresponda a um *Homo benignus*, que ele acha que também existe no capitalismo, a par do *Homo economicus* e do *Homo hierarchicus*, porque aquele é um

sistema e não uma entidade uniforme. Eu não disse que Bernard Maris foi um homem de tolerância, pluralismos e compreensão culta? O *Homo benignus* é o do altruísmo e da gratuidade, da solidariedade, do trabalho bem feito, do *software* livre, que protege em vez de destruir. É o coletor de imagens, mais do que o predador, o que não perde nada ao dar aos outros. O do conhecimento, a nossa nova abundância, mais interessado na beleza do que na utilidade. O homem do fim da raridade. O que pode coabitar. O que “triunfou da pulsão da morte que reside no coração do capitalismo”. O que “triunfou da pulsão da morte que reside no coração do capitalismo”. Repito eu, para aqui repetir a última frase deste livro. É preciso dizer mais sobre Bernard, aquele que, com as suas ideias, com a sua passagem pelo espaço público, pelo lugar dos debates, triunfou sobre o próprio momento em que, por outras pulsões, foi morto?

JOSÉ REIS

Professor Catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra